

**João Pedro Lopes Reigado**

**ANÁLISE ACÚSTICA DE VOCALIZAÇÕES  
DE BEBÉS DE 9 A 11 MESES FACE  
A ESTÍMULOS MUSICAIS E LINGUÍSTICOS**



Edições Colibri

---

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova de Lisboa

## Prefácio

*É tão difícil guardar um rio  
quando ele corre dentro de nós*

Jorge Sousa Braga, *In O Poeta Nu*

Desde 1994 que a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) tem ajudado a implementar o estudo do desenvolvimento musical na primeira infância e infância através de uma série de iniciativas neste âmbito (conferências, seminários, encontros, acções de formação, etc), liderando uma área de trabalho que tem atraído uma crescente atenção por parte de profissionais e famílias do nosso País e do estrangeiro. Edwin Gordon, Colwyn Trevarthen, Albert Bregman e Orlando Gouveia Pereira são alguns dos mais carismáticos professores que contribuíram para que na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas a área de Psicologia e Pedagogia Musical tenha um lugar, havendo hoje vários jovens investigadores a realizar as suas dissertações de Doutoramento no domínio. De assinalar que alguns destes investigadores possuem uma grande experiência de trabalho com bebés e crianças, desenvolvida em várias instituições do exterior, que inspira as suas questões de investigação. A liderança da FCSH neste campo é, sem dúvida, co-construída e partilhada, o que é certamente desejável num meio académico que pretenda estar ao serviço da comunidade onde se integra.

Neste espírito de abertura ao exterior, entre 2002 e 2004 a FCSH acolheu a realização de sessões de orientações musicais para Pais com bebés no âmbito de um projecto apoiado pelo Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e gerido pela Companhia de Música Teatral. Este projecto, surgido na continuidade de várias outras iniciativas promovidas no país divulgando a teoria de aprendizagem musical de Edwin Gordon, permitiu a alunos e profissionais um contacto muito prático com vários aspectos da referida teoria, bem como o ensaio e amadurecimento de questões e metodologias de investigação no âmbito do estudo do desenvolvimento musical na infância.

Foi, seguramente, uma experiência muito rica não só para quem nela participou activamente, como também para quem veio “apenas” para obser-

var e aprender “ao vivo”. E contribuiu para dar voz às interrogações de todos aqueles que, há longo tempo, se questionavam sobre o tema do desenvolvimento musical desde o nascimento, área de estudo sobre a qual há poucos trabalhos científicos com qualidade. Alguns ficavam espantados com o comportamento dos bebés face à música. E questionavam: como é possível observar tanto envolvimento e atenção por parte dos bebés e constatar que a Psicologia do Desenvolvimento praticamente ignorou esta parte do comportamento humano (que, afinal, corresponde a uma capacidade que nos caracteriza e diferencia desde o nascimento)? Como é possível que a Psicologia do Desenvolvimento não tenha aberto um capítulo para o estudo do desenvolvimento musical à semelhança do que faz para o estudo do desenvolvimento motor, social, cognitivo, linguístico e moral?!

Dentro do comportamento musical, as vocalizações produzidas pelos bebés, como as observadas nas sessões referidas, suscitam sempre algum debate entre observadores e orientadores das sessões. Alguns afirmam que o bebé responde cantando e imitando os estímulos musicais propostos. Mas, enquanto uns ouvem tónicas e dominantes nas vocalizações produzidas pelos bebés, outros não ouvem mais do que uma simples interacção comunicacional semelhante às produzidas num contexto não musical. Estarão os bebés a “cantar” ou a “falar”? Isto é, as vocalizações que ouvimos são, de facto, diferentes das produzidas num contexto linguístico? Intencionais ou aleatórias? Enigmas que os mais cépticos se comprazem a desmontar dizendo tratar-se de uma espécie de efeito Pigmaleão – meras fantasias auditivas de educadores com expectativas educativas e brechas narcísicas. As vocalizações são um facto; mas serão uma realidade musical? Estará a “música” nas vocalizações dos bebés ou na percepção e mente musical de ouvintes e observadores?

Delimitar fronteiras entre sujeito e objecto é um velho problema epistemológico. E, talvez, a própria constatação deste problema não seja mais do que uma construção, mera fantasia émica de um sujeito fracturado, incapaz de saltar as fronteiras do modelo do pensamento racional. Perguntamos, pois: foi o bebé que cantou uma tónica? Ou fomos nós que a ouvimos?

Vamos procurando a objectividade dos factos como se nós próprios não constituíssemos o facto. Como se os factos não fôssemos nós próprios na circunstância do instante. Como se os factos não fossem ilhas de significado com que recortamos e codificamos – territorializamos – a realidade num esforço de sobrevivência adaptativa. Como se os factos não fossem sobretudo um nome.

De qualquer modo, temo-nos governado com este modelo, sobrecarregados pelo andor da objectividade científica; com ele até fomos à Lua, sobrevivemos e conquistamos “o” Mundo. (É certo que também temos destruído outros, mas disso não nos damos conta, já que não há quem, exterior a nós, envie relatórios – com a necessária distanciação e “objectividade” –

capazes de nos resgatar à miopia em que nos enclausurámos). Podemos encontrar-nos dentro de uma ilusão epistémica ou cosmológica mas o certo é que se trata de um lugar habitável, anestesiante da nossa insaciedade pelo saber.

Em 2003/04, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas abriu a área de Psicologia e Pedagogia Musical no âmbito do Mestrado em Ciências Musicais, o que permitiu, finalmente, albergar os interesses profissionais e científicos de vários jovens que, desde há muito, buscavam esta formação específica. Alguns desses mestrandos, com uma excelência científica nutrida e constatada pelos professores que leccionaram nesse Mestrado, contribuíram para a emergência de estudos de investigação que se destacam pela sua singularidade no plano da produção científica internacional. É o caso, entre outros, do tema de estudo das vocalizações dos bebés que deu origem a duas teses de mestrado: a que agora se publica e a tese "*As vocalizações de bebés de 9 a 11 meses face à música e à linguagem – análise efectuada por juizes especializados*" de António Rocha. No âmbito de vários encontros científicos realizados em equipa, este investigador ofereceu um significativo e importante contributo para a operacionalização do *design* de ambos os estudos.

Graças aos jovens investigadores que frequentaram aquele Mestrado (que, devido a constrangimentos de vária ordem, teve apenas uma única edição) e a um elevado número de excelentes profissionais e colaboradores no terreno, hoje, a Linha de Investigação de Educação e Desenvolvimento Humano do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da FCSH-UNL abarca interesses que vão desde o estudo da "musicalidade comunicativa" na infância (Malloch, 1999; H. Rodrigues, P. Rodrigues, & J. Correia, 2008; Trevarthen, 1999, 2002; Trevarthen & Malloch, 2002) ao estudo da comunicação de emoções na performance musical, numa perspectiva abrangente do desenvolvimento humano.

Assim, eis-nos hoje no Laboratório de Música e Comunicação na Infância (LAMCI) do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da FCSH à procura de respostas para algumas das múltiplas questões germinadas e debatidas ao longo de todos estes anos, em várias iniciativas realizadas no âmbito da Psicologia e da Pedagogia da Música.

Visando estabelecer comparações entre a aquisição da competência musical e da competência linguística (cingidas ao que poderá traduzir-se em manifestações vocais do bebé), numa abordagem inovadora na escassa literatura especializada sobre o assunto, a procura de respostas para questões em torno do estudo das vocalizações de bebés é uma das mais fascinantes pesquisas que os investigadores do LAMCI esperam prosseguir. E precisaremos de criar hábitos de trabalho interdisciplinar se quisermos responder a questões como:

Existe na primeira infância uma vocalização específica em resposta à música? Como se desenvolve esta vocalização desde o nascimento? Os

bebés vocalizam distintamente em resposta a estímulos cantados e a estímulos falados? Os processos de aquisição da voz cantada (a aprendizagem de canções na infância) emergem do mesmo processo de aquisição da fala ou provêm de processos diferentes? Ou, dito de uma forma mais poética – ver Rodrigues, 2000; Rodrigues & Rodrigues, 2000, 2003; Rodrigues & Silva, 2003; Rodrigues, 2005 – cantar e falar são rios que correm a partir da mesma nascente ou, pelo contrário, um é afluente do outro? As vocalizações dos bebés em resposta à música correspondem a processos de imitação? Ou existe uma estrutura mais profunda subjacente à aquisição da fala e à aquisição da canção? Podemos encontrar nas respostas de vocalização à música pequenos esboços de “improvisação”? De que modo as características musicais dos estímulos afectam as vocalizações produzidas pelos bebés? De que modo os contextos de cultura musical envolvente as afectam? As vocalizações apresentam algum tipo de organização musical? É uma organização predominantemente biológica ou cultural? No que diz respeito a estímulos proporcionados pela voz cantada e pela voz falada, qual a relação entre os processos de percepção e as vocalizações do bebé? Qual a relação entre as vocalizações do bebé e a intencionalidade emocional do adulto que com ele interage? Qual o papel e como se caracterizam as vocalizações dos bebés nas brincadeiras que se estabelecem entre Pais e filhos? Etc.

A inquietação e o pensamento divergente geram as perguntas. No entanto, o turbilhão criativo não chega para fazer ciência. Esta necessita de disciplina, rigor e trabalho em equipa. Não chega questionar; não é suficiente conceber um bom *design*; é insuficiente implementar no terreno esse *design*; e um determinado procedimento de análise não se basta a si próprio. Tudo isto é necessário para se fazer ciência e a concretização de qualquer das etapas de uma investigação requer um conjunto de qualidades raramente encontradas numa só pessoa. E, no topo disto, são necessárias várias respostas para construir – e sempre transitoriamente – paradigmas sustentáveis de conhecimento.

Deveremos nós buscar uma teoria do desenvolvimento musical ou procurar teorias do desenvolvimento musical? Ou buscar uma teoria de desenvolvimento de uma *musilanguage*, termo cunhado por Brown (2000)? Ou será que a própria aquisição da capacidade linguística e da capacidade musical se processam em interacção? Por exemplo, no que respeita à aquisição da voz cantada temos observado que há crianças que parecem iniciar a sua aprendizagem preferindo melodias sem palavras; outras, pelo contrário parecem ter necessidade das palavras para “arrumarem” o seu pensamento musical. Ou seja, talvez não devamos ir à procura de uma teoria de desenvolvimento psicológico mas sim de teorias. Porque talvez haja diferenças individuais inatas que expliquem que a aquisição da palavra pode interferir no processo da aquisição da canção e vice-versa. Em suma, deveremos procurar uma teoria da comunicação humana capaz de abranger a construção d

música e a aquisição da linguagem como produto das mesmas necessidades emocionais?

Continuemos desassossegados: se aquela busca é, ela própria, reflexo da forma como damos significado ao mundo, também a própria análise das vocalizações dos bebês (e, portanto, as respostas que formos dando às questões anteriores) há-de ser produto dos nossos construtos interiores. Isto é, as vocalizações só existem quando e porque há ouvintes. E ouvir é sempre dar significado. Portanto, podemos tentar desbastar a subjectividade teórica perspectivando o problema de vários ângulos mas, quer queiramos quer não, havemos sempre de ser traídos pelas “teorias” da nossa percepção auditiva. Isto é, as histórias pessoais não nos largam porque essa será uma razão para continuarmos a nossa existência. Não obstante, conseguimos comunicar, fazer trocas de significados, o que quererá dizer que nas margens dos erros científicos e dos enganos perceptivos, há espaços de acordo entre os humanos. Ideológicos, talvez, mas permitindo governar cirurgias e aterrar na Lua.

Ao que parece, nem todos os linguistas estarão de acordo acerca do que é uma palavra. O seu desentendimento é feito com palavras, mas com elas estabelecem, também, o seu acordo relativo às discrepâncias entre eles. Enfim, por entre a dissensão “o mundo pula e avança”. Temos de aprender a aceitar que tudo é efémero e que em momento algum podemos desvendar todos os segredos. Mas podemos também confortar-nos pois é certo que por entre a imperfeição e a incompletude se erguem criatividades e novas visões. Rendamo-nos, pois, ao provisório e contemplemos o clarão do infinito.

Porque escrevo desta forma? Porque o autor, João Reigado, ao procurar responder a uma das questões acima enunciadas no âmbito do Projecto de Investigação “Desenvolvimento Musical na Infância e Primeira Infância” financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, demonstrou sempre uma enorme honestidade, mas também alguma angústia por poder ficar aquém da “verdade”. Por isso, neste texto que escrevo em jeito de dedicatória, a ele e a todos os membros da equipa do Projecto que partilham o culto do rigor, gostaria de os consolar dizendo que a busca de “verdade” na ciência e na arte se situam ao longo de um mesmo *continuum*, geradas numa mesma necessidade: a de criar e de embelezar o mundo. Podemos viver na ilusão da arte, na ilusão da ciência, ou ser viajantes entre ambas – mas só temos de dar tudo aquilo que temos. Não mais. É isso que desejo ao autor, na certeza de que essa dedicação lhe trará momentos de contentamento.

Este livro é o resultado da primeira tese de Mestrado de Psicologia da Música da FCSH e também o primeiro livro da equipa que trabalha no Laboratório de Música e Comunicação na Infância do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, um laboratório que se distingue pela adopção de fórmulas de trabalho que conciliam Investigação, Formação, Criação Artística e Intervenção na Comunidade. O que só terá expressão prática se

todos os envolvidos na construção deste espaço partilharem uma inquietação colectiva, não perdendo de vista a finalidade do seu trabalho.

Possa, assim, este livro ser inspirador para todos aqueles que, para além da chamada “produção científica” e da procura de respostas, se entregam genuinamente ao desejo de querer melhorar a vida dos bebés e crianças, e dos seus cuidadores.

**Helena Rodrigues**

Professora da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL e Investigadora  
Responsável pelo Laboratório de Música e Comunicação na Infância do CESEM